

A Qualidade das Bandas da Zona Centro

Os costumes e tradições das bandas filarmónicas de Portugal variam de zona para zona.

As bandas do Norte e da zona de Aveiro (Águeda) são normalmente as mais prestigiadas. Actuam num meio onde são constantemente “postas à prova” em confronto umas com as outras e onde é muito valorizado um determinado tipo de repertório.

Note-se que muitas comissões de festas escolhem as Bandas em função não só da sua qualidade e prestígio mas também do seu repertório, “exigindo” grandes obras como por exemplo “1812”, “Inferno” ou “Tanhäuser”. Caso uma Banda não toque pelo menos uma das grandes obras é considerada muitas vezes uma Banda “inferior”. Consequentemente, as bandas desta zona fazem a escolha do seu repertório com base neste requisito, e, como frequentemente se encontram nas mesmas romarias nos tradicionais “despiques de bandas” próprios das regiões norte e centro, tende a gerar-se alguma rivalidades entre elas, o que, de algum modo, contribui para o aumento da sua qualidade.

Mas como funciona no centro?

Do meu ponto de vista, existe um conjunto de condições que, isoladamente ou combinadas, condicionam o aperfeiçoamento e aumento qualitativo das bandas desta região, nomeadamente:

Na zona centro, em particular no interior, não se verifica tanto a tradição das grandes obras. Assim, não existe tanto a pressão para o aperfeiçoamento técnico (necessário para as executar).

Por outro lado, também é certo que muitas vezes não se têm os meios e condições necessárias: falta de instrumentos, de infra-estruturas e de condições de trabalho, de recursos económicos e humanos.

Os subsídios dados às bandas pelas autarquias não são suficientes tendo em conta as despesas anuais com o maestro, fardamento, aquisição e reparação de instrumentos, etc.

Por vezes assiste-se a uma maior promoção do desporto, por parte das Câmaras Municipais, em detrimento de um maior investimento na cultura, particularmente nas Bandas Filarmónicas.

Mas não é só isso.

Os aspectos culturais não podem ser negligenciados. Nesta região do país as expectativas do público relativamente ao que esperam de uma banda por vezes distanciam-se dos requisitos que potenciam o seu desenvolvimento técnico e artístico.

Aqui, é frequente o público desvalorizar ou até ignorar a execução de uma obra mais clássica preferindo a execução de obras ligeiras ou populares (rapsódias) mais adequadas para a dança...

Como todos sabemos, não é muito motivador quando uma banda que luta com grandes dificuldades às quais se juntam, muitas vezes, as deficientes condições que encontram nas romarias, se esforça por tocar uma obra mais clássica, e no fim verifica que o seu trabalho não foi valorizado ou reconhecido, sendo necessário recorrer a obras de carácter mais popular e de mais simples execução para captar a atenção do público. Este facto faz-nos questionar se vale a pena o esforço de ensaiar e tocar obras mais complexas... e é outra das razões pelas quais não é costume tocar grandes obras nesta zona.

O papel dos organizadores dos eventos em que participam bandas filarmónicas, tradicionalmente as comissões de festas, é também fundamental para se poder alterar esta situação. Infelizmente o que se verifica neste momento é que “o preço” das bandas continua a ser o principal factor de escolha das mesmas por parte das ditas comissões que, frequentemente, não olham à qualidade das bandas que contratam apenas se preocupando em gastar o menos possível. Verifica-se assim que são as bandas “mais baratas” e, normalmente, menos evoluídas, aquelas que conseguem realizar o maior numero de serviços.

Assiste-se assim a um mercado fraco não só a nível monetário mas também a nível da qualidade muitas vezes preferida por algumas comissões de festas. Deste modo as bandas com alguma qualidade relativamente às outras da mesma zona ficam visivelmente prejudicadas, num mercado discrepante das suas habilitações e do trabalho efectuado.

Por outro lado, não há tantos despiques entre bandas. Normalmente uma festa só tem uma banda. Duas bandas só se costumam encontrar quando se trata de um convívio/festival de Bandas, e neste caso não tocam alternadamente, mas sim uma de cada vez com o repertório previamente seleccionado.

Mais difícil se torna aceitar esta situação quando todos temos presente que o dinheiro que as comissões de festas “poupam” na banda normalmente é utilizado, com menor rigor, em fogo de artifício e para pagar a artistas de musica popular muitas vezes de qualidade duvidosa. Mais uma vez, as questões culturais se fazem sentir fortemente.

Mas nem tudo são desvantagens...

Estas bandas sem tradição de repertório clássico podem aproveitar uma grande oportunidade: Adaptar o seu repertório não só ao nível da sua banda, mas também diversifica-lo, alargando-o com obras especificamente escritas para banda, sem a sujeição a arranjos de obras inicialmente escritas para orquestra, cuja melodia e harmonia foi concebida para instrumentos de corda, o que torna a sua execução mais difícil.

Vê-se assim aparecer bandas a tocar bons arranjos específicos para banda, nomeadamente de Jacob de Haan: “Oregon”, “Concerto d’Amore”, “Virginia”, “Contrasto Grosso”, sem esquecer também os portugueses como por exemplo Amílcar Morais e Alberto Madureira.

Conclui-se que apesar de já haver algumas bandas bem encaminhadas na zona centro, é necessário ainda muito trabalho, condições necessárias, visto que muitas não têm sede própria e a construção de um mercado que saiba apreciar a qualidade de cada banda. Infelizmente as mentalidades ainda são a coisa mais difícil de mudar...

Andreia do Flautim

Julho de 2003